

N. 8/6/82

As luzes do Maquinino

por José Pinto de Sá

As casas brancas da Beira levantam-se do verde do pantanal, que a rodeia e a penetra mesmo, sempre presente a reclamar o território perdido aos homens à força de braços. A volta da cidade, perceptível no crepúsculo de Junho, o pântano espreita as janelas que se ascendem uma a uma. Vem no zumbido dos mosquitos e no cheiro a águas mortas, e chega por cima das palmeiras, do outro lado do Dondo. A actividade terrorista dos «matsangaizos», pilhando, torturando e matando, aterroriza os camponeses e entrava o processo de recuperação económica, criando as condições para um êxodo rural preocupante nos distritos vizinhos rumo à cidade.

«Todos trazem a morada de um tio, de uma prima, de um irmão mais velho que velo há dois anos e já se desenrascou, segundo dizem», comenta sem convicção um comerciante da Manga, olhando da porta da cantina uma família de recém-chegados, espedidos diante da montra, de olhos postos nas magras riquezas expostas.

A maior parte, porém, enrascam muito mais que desenrascam.

Chegam atraídos pelas luzes altas nos prédios do Maquinino, que se avistam de longe, mas geralmente não passam do anel do «caniço», e acabam atolados no matope com os outros todos, acrescentando uma boca mais à mesa larga, repartindo por mais um o magro repasto.

A cidade é anualmente atribuída

uma certa quota de alimentos, julgada, por si só, insuficiente, pelas autoridades autárquicas.

Com a chegada constante de mais gente, a quota deve ser dividida por mais bocas ainda, tornando-se progressivamente mais apertada, por cabeça.

Numa cidade que, tradicionalmente, se alimenta de fora, com batata de Manica e milho dos «distritos», qualquer acréscimo de convivas ameaça o sucesso do jantar.

E não só.

Se continua a chegar gente, até os lugares começam a faltar.

A Beira foi construída segundo os preceitos e necessidades da sociedade

colonial mais tradicionalista de Moçambique, estirada ao longo da praia, feita de vivendas aprazíveis com dependências para os criados no fundo do quintal. Os excedentes sociais do urbanismo beirense acumularam-se no «caniço», de pés dentro de água, como em Lourenço Marques. Acumularam-se nos apartamentos, «aos nove e aos dez», agravando as dores de cabeça à APIE.

Os responsáveis do parque imobiliário da cidade não escondem a gravidade da situação, em termos de alojamento. «Se as casas já eram poucas, agora são pouquíssimas», ilustra um funcionário, com um gesto vago. «O número de pedidos de casa não pára de crescer, e não existem meios de os satisfazer, a curto prazo».

A sobre-população da cidade levanta igualmente o problema da organização e enquadramento dos habitantes, indispensável à operatividade da máquina urbana. Segundo as autoridades do Conselho Executivo da Beira, o afluxo de população à cidade entrava o funcionamento dos órgãos de base do Poder Popular, orientados pelos Grupos Dinamizadores.

Perturbados pelo crescimento desordenado dos habitantes, os órgãos de poder ao nível dos bairros não logram organizar-se de modo a enquadrar a população, deixando vazio um espaço social onde se desenvolve, por vocação, a miséria da miséria.

Arrancado violentamente ao seu meio tradicional, atirado para a promiscuidade do «caniço», sem família, sem emprego, sem casa, sem comida, o recém-chegado vai conhecer a «vida da cidade» na escola da rua. Vai aprender para «profissional de bicha», ladrão, prostituta... Vai aplicar a sua força fora do sítio. Vai sobreviver, em vez de viver.